

ZÉLIA
GATTAI

Chão de meninos
MEMÓRIAS



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Gattai Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1992

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Projeto gráfico
Rita da Costa Aguiar

Imagen da capa
Xilogravura de Calasans Neto

Preparação
Leny Cordeiro

Índice onomástico
Luciano Marchiori

Revisão
Márcia Moura
Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gattai, Zélia, 1916-2008.
Chão de meninos: memórias / Zélia Gattai. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1866-3

1. Amado, Jorge, 1912-2001. 2. Escritores brasileiros — Biografia 3. Gattai, Zélia, 1916-2008 4. Memórias autobiográficas I. Título.

11-04061

CDD-928.699

Índice para catálogo sistemático:
1. Escritores brasileiros : Biografia 928.699

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacia.com.br

PARA Jorge, nos seus oitenta anos,
com amor.

ABRIL DE 1963

Acordei num pulo, sobressaltada com o toque do telefone. Por que tanto susto se estava ali à espera da chamada? Recostada na poltrona enquanto aguardava, adormeci. Que horas podiam ser? Quanto tempo dormira? Não devia ter sido muito, ainda não dera meia-noite.

Do outro lado do fio João Jorge me falava: “Mãe, pode vir...”. Ainda bem que eu não devia ir longe para apanhá-lo, ainda bem. Estava morta de cansaço, trabalhara o dia todo. O carro ficara em frente ao edifício, me pouparia de manobrá-lo na garagem sempre repleta àquela hora. O apartamento do colega, onde se dera o “arrasta”, ficava logo ali no Leme, a dois passos do nosso; residíamos no Posto Dois, em Copacabana.

Tratei de recomendar: “Aguarde dez minutos antes de descer, meu filho, não fique esperando na rua...”.

PORTE DO RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1952

O dia apenas amanhecerá. Parado ao largo, o *Giulio Cesare* aguardava que as autoridades chegassem para a visita rotineira.

Enquanto não abriam o restaurante para o café da manhã, Jorge e eu, no tombadilho, contemplávamos emocionados a beleza da baía de Guanabara. Recessávamos ao nosso país após quase cinco anos de ausência durante os quais rodamos mundo, fizemos amigos, conhecemos povos e costumes, paisagens as mais surpreendentes, vivemos o bom e o mau, alegrias e tristezas. Deixáramos o Brasil levando um filho de poucos meses e voltávamos com dois, nossa filha Paloma nascera em Praga. Terminara o governo Dutra, durante o qual partíramos para o exílio, Getúlio Vargas voltara ao poder, desta vez eleito pelo voto popular, tudo indicava já haver espaço no Brasil para Jorge e sua família.

A viagem fora tranquila até o dia em que nosso filho João Jorge nos pregou o maior susto e a toda a população do navio. Fizéramos mais de metade da travessia quando, uma tarde, de repente, o menino sumiu. Ficara sob a guarda do pai enquanto eu, no camarote, me ocupava de Paloma, que amanheceu febril. Convidado para uma rodada de pôquer, Jorge jogava, despreocupado, e ao procurar pelo filho, que deixara sentadinho tomando lanche na mesa ao lado, já não o viu. Correu para o camarote, no camarote ele não estava, não estava em parte alguma, desaparecera. O alarme foi dado, sirenes tocaram, alto-falantes berraram, tripulação e passageiros de todas as classes juntaram-se a nós na busca da criança. As horas se passavam e nada de João. Jorge e eu na maior angústia não queríamos admitir a hipótese de que nosso filho tivesse caído no mar. Até na casa de máquinas ele fora procurado, e as esperanças de encontrá-lo já se esgotavam, entrávamos em desespero quando, por acaso, ele foi localizado no cinema, dormindo.

João assistira ao concerto da hora do chá, coisa que adorava, em seguida acompanhara os músicos ao cinema da primeira classe — nós viajávamos na segunda —, sentara-se na primeira fila e lá adormecera, encolhidinho, acomodado na larga poltrona. O filme terminara, todo mundo fora embora, fecharam

as portas e lá ficou ele dormindo até ser encontrado e deserto. Desde esse dia, passamos a ser conhecidos como “o pai do menino”, “*la madre del niño*” e “*la sorellina del bambino*”.

PRIMEIRO CONTATO

No restaurante lotado tomávamos nosso café quando disseram que a lancha das autoridades se aproximava; estranhamos, pois ainda era cedo para a sua chegada. Antes mesmo que terminássemos de comer, a sala de refeições foi invadida por fotógrafos e repórteres de jornais. Os flashes começaram a espocar em cima de Jorge, assombrando os vizinhos de mesa, que não entendiam o que se passava, o porquê de todo aquele movimento em torno do “pai do menino”. Um sacerdote que tomava seu mingau, pacificamente, ficou de boca aberta, a colher parada em meio do caminho; um italiano gordo, olhos espantados, juntou os cinco dedos, balançou a mão, “...ma... chi è?”.

Com Paloma sentada em seus joelhos, Jorge ouvia as novidades, respondia às perguntas. Ficamos sabendo que haveria, no cais, manifestação de boas-vindas, organizada por um grupo de camaradas. Soubemos também que a polícia ia estar presente ao desembarque: baixamos a terra entre boatos contraditórios.

Fomos os últimos passageiros a ser atendidos na alfândega, sob as vistas da polícia ali, firme. Nossa bagagem, enorme, foi toda aberta, mala por mala, caixa por caixa. Policiais comandavam a operação, nariz enfiado nos volumes, farejando peça por peça das roupas desdobradas, examinando os sapatos, de adultos e de crianças, por dentro e por fora, objetos, livros... tudo, absolutamente tudo foi esmiuçado, apalpado. Constrangidos, encabulados, os funcionários da alfândega que executavam o trabalho a contragosto desculpavam-se a cada momento, estavam sendo

coagidos. A polícia levou horas para nos liberar, só o fez depois de tudo visto e nada encontrado.

O APARTAMENTO DA RODOLFO DANTAS

O apartamento na rua Rodolfo Dantas, em Copacabana, era espaçoso e claro. Espaçoso porém pequeno para o número de pessoas que nele habitavam. Pertencia aos pais de Jorge, que há anos o haviam comprado. Nele moravam, ao chegarmos da Europa em 1952, o coronel João Amado e dona Eulália — nesse tempo ainda não chamávamos dona Eulália de Lalu, apelido inventado pelo marido e só por ele empregado —, Janaína, filha de James, irmão de Jorge, Joelson Lisboa, sobrinho de dona Eulália, vindo da Bahia para estudar medicina, e José de Jesus, faxineiro de uma casa de modas em Copacabana, que ocupava as dependências de empregada em troca de fazer o café da manhã para os velhos e lavar a gaiola do papagaio, personagem importante que alegrava a casa, um louro falador que acompanhava Jorge havia muitos anos. Durante nossa ausência ele ficara aos cuidados de dona Eulália, que se afeiçoara à ave e até lhe mudara o nome. “Chamar um papagaio de Louro todo mundo chama”, dizia ela, “nome mais bobo...” Batizou-o de Floro, “menos comum, fidalgo”.

Havia ainda uma hóspede itinerante, Emília Jacob David, Milu, amiga e conterrânea de seu João, sergipana de Estância, solteirona por opção: “Tenho horror a homens... nojo!...”, repetia exaltada, sempre que a provocavam, provocação que fazia parte das brincadeiras com Milu. Mulher de quarenta e tantos anos, uma força da natureza, ela movimentava a casa ao surgir, ninguém sabia de onde, nem para onde ia depois dos dias passados conosco. Sua vida era correr coxia. Não dava trabalho a ninguém, se acomodava

em qualquer canto, às vezes muito mal acomodada — por vontade própria —, procurava se alimentar com restos de comida “para não dar despesa”. Verdadeiro furacão, sempre disposta a ajudar ou “colaborar”, como gostava de dizer, na arrumação da casa — pagava assim sua estada —, mas fazia questão de explicar: “Só tiro o grosso, comigo nada de limpezas inúteis... de luxos bestas...”.

Com a nossa chegada — Jorge, eu e as duas crianças —, o aperto aumentou, Lisboa passou a dormir na sala de jantar, as três crianças e uma empregada a dividir o mesmo quarto. José de Jesus continuou onde estava, mesmo não tendo que preparar mais o café da manhã, apenas cuidar do asseio da gaiola de Floro. “Não tenho coragem de botar esse moleque na rua pra voltar a dormir em banco de praia...”, desculpava-se o coronel. Seu João não tinha coração para isso, tampouco nós, embora José de Jesus me atrapalhasse a vida, ocupando o único quarto de empregada. Morou de favor em nossa casa durante ainda algum tempo e só partiu ao mudar de emprego e de cidade.

Ao entrar no apartamento da Rodolfo Dantas, no mesmo dia da chegada, diretos do navio, recebi de dona Eulália as chaves do apartamento: “Esta casa é tua, minha filha, de teu marido e de teus filhos. Tome conta dela. Tu merece. Eu não me envolvo mais. Já trabalhei muito na vida, aquele palacete me comeu as carnes...”.

Dona Eulália não perdia oportunidade de relembrar e queixar-se do trabalho que lhe dera o “palacete” — era assim que todos chamavam o sobradão construído pelo coronel em Ilhéus, nos tempos das vacas gordas, quando o cacau era vendido a peso de ouro. Um casarão, construção e mobília das mais requintadas, o que havia de melhor na época, vendido anos depois quando resolveram fixar residência no Rio de Janeiro.

Encargo difícil, pesado, cuidar daquele apartamento repleto, apertado, atender às crianças e aos velhos, atender ao vaivém de pessoas atrás de Jorge com problemas os mais diversos... mas,

não havia escapatória, aceitei o “presente” e as honras, assumi o comando da casa. Que jeito?

APARTAMENTO DE FUNDOS

Nosso apartamento era de fundos e tinha seus encantos. Por um espaço entre dois edifícios à esquerda, avistava-se a avenida Copacabana e, por coincidência, podíamos ver de nossa janela o apartamento de Joelson, irmão de Jorge, situado na movimentada artéria. O lado direito dava para os fundos de edifícios da avenida Atlântica, moradias de gente de posse que, em dias de muito calor, ao abrirem as amplas janelas, à frente e atrás, nos ofereciam a vista da praia e do mar. Num desses prédios morava um pianista que tocava pela manhã exercícios de várias horas seguidas.

Via-se de meu quarto, da janela quase sempre aberta de um apartamento, à esquerda, um enorme quadro, um nu. Assim, a distância, dava a impressão de ser realmente uma mulher de carne e osso, mais carne do que osso. Esse quadro, certo dia, impressionou Vera, minha irmã, ingênua e recatada, de passagem lá por casa:

— Venha ver só, Zélia — chamou-me apontando o quadro, escandalizada —, que mulher mais sem-vergonha! Fica junto da janela, se exibindo... Imagine só se Jorge vê uma coisa dessas!... Você já pensou?...

Para sua grande surpresa eu lhe respondi:

— Até que ele ia gostar...

— Gostar? Não acredito...

Aproveitei a ocasião para me divertir:

— Cuidado, Vera, não fique olhando, não! O homem se zanga!

— O homem? Que homem?...